

Jornalismo de multidão: a resistência da rede *Indymedia*

Crowd Journalism: The resistance of Indymedia network

Diego Carvalho¹

RESUMO

Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado concluída em 2011, intitulada *Jornalismo de multidão: a resistência da rede indymedia*. Temos aqui como objetivo permitir a compreensão do que queremos chamar de jornalismo de multidão. Para isso, este texto faz um triplo movimento: descrição do *indymedia*, releitura de alguns conceitos de Antonio Negri e Michael Hardt e relações entre esses conceitos e o *indymedia*; estes movimentos são os elementos principais do jornalismo de multidão. Consideramos importantes essas relações, pois há falta de apropriação pelo campo da comunicação da obra de Negri e Hardt, o que abre todo um horizonte de possíveis para produção de teoria menor no campo, teoria que tem como tema fluxos minoritários de resistência.

Palavras-chave: jornalismo de multidão, Antonio Negri, Michael Hardt, *indymedia*.

ABSTRACT

This article is part of the Master thesis completed in 2011, entitled *Crowd Journalism: the resistance of the indymedia network*, in which our aim is to enable an understanding of what we call crowd journalism. To accomplish this goal, the text makes a triple movement: a description of indymedia, a new interpretation of some concepts of Antonio Negri and Michael Hardt and the relationships between these concepts and indymedia, main elements of journalism crowd. We consider these relationships important, because there is a lack of appropriation by the field of communication of the work of Hardt and Negri. This opens a horizon of possibilities in the field for the production of a smaller theory, which has for theme minority flows of resistance.

Key words: crowd journalism, Antonio Negri, Michael Hardt, indymedia.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: diegodcarv@uol.com.br

Considerações iniciais

Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado concluída em 2011, intitulada *Jornalismo de multidão: a resistência da rede indymedia*. Essa se constituiu na exploração do *indymedia Center* – rede global de coletivos de mídia independente – em seu parentesco com as teorias da crítica contemporânea de Antonio Negri, Michael Hardt, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Giuseppe Cocco. Nosso objetivo geral foi a criação de um conceito, o de jornalismo de multidão. Para tal, fizemos relações entre o *indymedia* e essas teorias, além de observação de documentos e discursos para análise da organização da rede.

O jornalismo de multidão resiste principalmente ao jornalismo dominante, mas essa resistência vai além, atinge lógicas sociais, políticas, econômicas. Damos ênfase ao jornalismo, pois esse, em seu viés hegemônico, é legitimador da governança global², a qual Negri e Hardt chamam de Império, ou seja, o jornalismo é um dos dispositivos da ordem mundial que devem ser combatidos. Ao conectarmos jornalismo e multidão, mostramos que são possíveis rupturas internas em centros de poder – no caso, o jornalismo – a única ruptura possível, pois não há mais fora do poder.

É impossível isolar a nós mesmos, nossas relações e nossa comunicação fora da instrumentalidade do capital e dos meios de comunicação de massa. Já estamos lá dentro, contaminados. Se vier a manifestar-se alguma forma de redenção ética, terá de ser construída dentro do sistema (Hardt e Negri, 2005, p. 330).

Hardt e Negri (2006b, p. 94) dizem que fazem filosofia “[...] num sentido bastante amplo, [na busca de] produzir conceitos adequados para a situação contempo-

rânea e investigar os valores emergentes do nosso mundo”. Consideramos que a criação de conceito é a forma mais eficaz para possibilitar a percepção do *indymedia* como linha de força emergente.

Este artigo faz triplo movimento: descrição do *indymedia*, releitura de alguns conceitos de Antonio Negri e Michael Hardt e relação entre esses e o *indymedia*. Como essas relações foram as mais importantes para a pesquisa, temos como objetivo, neste texto, permitir a compreensão do que queremos chamar de jornalismo de multidão. Nossa justificativa de tal trabalho é a falta de apropriação pelo campo da comunicação da obra de Negri e Hardt, o que abre todo um horizonte de possibilidades para produção de teoria menor no campo, teoria que tem como tema fluxos minoritários de resistência.

O indymedia

A rede global de centros de mídia independente se formou conjuntamente aos manifestos contra a Organização Mundial do Comércio (OMC), em Seattle, 1999.

Várias centenas de ativistas de mídia, muitos dos quais trabalharam por anos para desenvolver uma mídia ativa e independente por meio de suas próprias organizações, se reuniram no final de novembro de 1999, em Seattle, para criar um Centro de Meios de Comunicação Independente e cobrir os protestos contra a Organização Mundial do Comércio. O CMI Seattle possibilitou a cobertura da OMC por meio de uma publicação impressa, chamada “The Blind Spot”, e pelo primeiro site do CMI. O site recebeu cerca de 1,5 milhões de visitas durante os protestos contra a OMC (Indymedia, 2010a).³

² Essa constatação é de Negri e Hardt (2006a). Os autores, em passagens de *Multidão* (2005) e de *Império* (2006a), os livros mais importantes para a pesquisa, pensam o jornalismo hegemônico, como também a produção midiática minoritária. Tal enfoque nas mídias é visto em passagem de outro livro de Negri (2003), no qual ele diz que o controle hoje em dia passa mais pela televisão do que pelas antigas disciplinas. Por essa constatação, a centralidade das mídias como exercício de poder, todos os autores do eixo teórico de nossa pesquisa, Deleuze e Guattari e Cocco, em determinado momento de seus trabalhos pensaram as mídias. Essa relação é mais explícita, na obra de Antoun, autor que se dedica a relações entre conceitos de Negri e Hardt e o campo da comunicação. No entanto, para a análise mais detalhada das mídias usamos um conjunto de autores que pensam o jornalismo tradicional e a web 2.0 como referência, como também os próprios documentos do *indymedia* nos ajudam a pensar esses tipos de produção. Essa é a base teórica usada sobre as mídias, tanto na pesquisa, quanto neste artigo.

³ Tradução de: “Varios cientos de activistas de medios de comunicación, muchos de los cuales han trabajado durante años para desarrollar un medios de comunicación activos e independientes mediante sus propias organizaciones, se unieron a finales de noviembre de 1999 en Seattle para crear un Centro de Medios de Comunicación Independiente y cubrir las protestas contra la Organización Mundial del Comercio. El IMC de Seattle proporcionó la cobertura de la OMC por medio de una publicación impresa llamada ‘El Punto Ciego’ y el primer sitio web de IMC. El sitio web recibió casi 1.5 millones de visitas durante las protestas de OMC” (Indymedia, 2010a).

Essa experiência de mídia trouxe um dos símbolos da rede, a publicação aberta que possibilita a qualquer um postar arquivos de imagens, de áudio e de textos diretamente no site. Depois disso, seguindo os movimentos por outra globalização⁴, foi criado um centro em Boston e outro em Washinton. A partir daí começaram a surgir inúmeros coletivos ao redor do globo.

Cada coletivo é autônomo, mas todos seguem um padrão que os aproxima. Algumas características que eles compartilham: (i) a reunião de “produtores e produtoras independentes de mídia” (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilOqueEh>); (ii) os sites referentes a cada localidade que trazem notícias sobre grupos de resistência; (iii) certos documentos que concernem à rede global são compartilhados pelos coletivos; (iv) a organização mediante listas horizontais de discussão; (v) a independência frente ao aparelho de Estado e a corporações; (vi) o voluntariado – os participantes são não profissionais; (vii) a manutenção, que é possibilitada por doações e pelo uso de *softwares* livres.

Não há número preciso de quantos centros estão ativos hoje, mas gira em torno de mais de cento e trinta espalhados em mais de cinquenta países, em todos os continentes. Um ano após os manifestos de Seattle, em movimentação da mesma ordem no Brasil, surge o *indymedia* brasileiro. Há colaboradores em quase todas as grandes cidades do país: coletivos autônomos formados por pelo menos cinco pessoas, que, além de produzirem projetos locais, participam da gestão do site.

Percebemos inúmeras relações entre o conceito de multidão e o *indymedia*: a rede é inclusiva, tenta não excluir singularidades da multidão, o que é visto em sua organização aberta para muitos e na produção de notícias aberta para todos. A multidão, por ser inclusiva, nega os sujeitos políticos legitimados pela tradição, como a classe operária e o povo e, principalmente, coloca os pobres em posição privilegiada. Vemos a exclusão dos pobres no jornalismo (Berger, 2006; Marocco, 1997). O *indymedia* resiste ao jornalismo e à ordem mundial, que trata os pobres como vidas que não merecem ser vividas.

A forma do *indymedia*, a rede que impede centralizações, se assemelha à forma da multidão. Outra aproximação é o confronto com o poder global do Império. Ou seja, a insurgência não se limita às fronteiras nacionais. O *indymedia* é rede global, como também é singularidade midiática dos movimentos por outra globalização. Segundo Pablo Ortellado, teórico-ativista brasileiro, o

indymedia é um dos projetos realizados do movimento de contestação global. Esse “[...] é muitas vezes acusado de não apresentar alternativas concretas ao que contesta. [o *indymedia* faz parte das] alternativas concretas que criamos dentro e contra o capitalismo, como os veículos de comunicação independente, os centros sociais e as cooperativas” (Ortellado e Ryoki, 2004, p. 11).

Uma das características que nos motivou a pesquisar o *indymedia* foi a sua ambiguidade. O *indymedia* repropria este território hegemônico, o jornalismo, criando outro território que é alguma coisa “entre” o jornalismo e as resistências contemporâneas. Por ser ambíguo, o *indymedia* toma formas definidas ou dominantes como em certas matérias: o uso do *lead* (sobre o *lead*, ver Lage, 1985, p. 16) e valores como exatidão e verdade são sugeridos na escrita dos textos, os quais tratam de atualidades. A notícia é o produto principal do jornalismo; podemos dizer que os textos presentes nos sites da rede se assemelham a notícias. Aliás, Henrique Antoun (2001, p. 142) diz que o *indymedia* transforma “em notícia as narrações apaixonadas do acontecimento”. No caso, ele se refere à relação estreita entre fato e repórter na rede de centros de mídia independente, pois quem narra os fatos é quem está na rua atuando em manifestações. Mas o mais importante é a premissa contida nesse trecho, que trata da produção textual do *indymedia* como noticiosa. A ambiguidade também é vista, pelo fato de o *indymedia* tentar reunir a multidão em espaço comum, de todos para todos. No entanto, para impedir que essa multidão se torne massa irracional com movimentos caóticos, ele é levado a se centralizar, não podendo impedir certas tomadas de poder.

Conceitos de multidão e de Império

O conceito de Multidão de Hardt e Negri se diferencia da massa homogênea, do povo unificado e da classe operária. Paolo Virno, autor solidário a Negri e Hardt, em *Gramática da Multidão* (2003), dá atenção às diferenças de natureza entre povo e multidão, ao conflito histórico entre os dois conceitos e conclui que hoje a multidão se apresenta como importante ator político. Segundo o autor, o conceito de povo e o de multidão “[...] jogaram um papel

⁴ Trataremos dos movimentos por outra globalização mais adiante.

de enorme importância na definição das categorias sócio-políticas da modernidade” (Virno, 2003, p. 4). Porém, povo é conceito mais familiar, pois se sobrepôs ao de multidão, após o século XVII.

Virno (2003, p. 4) se questiona se hoje o conflito entre os dois conceitos não retorna e propõe “mostrar que a categoria de multidão [...] ajuda-nos a explicar certo número de comportamentos sociais contemporâneos”. Segundo Virno (2003), a gênese do conflito está no pensamento de Espinosa e Hobbes.

Para Espinosa, a multidão representa uma pluralidade que persiste como tal na cena pública, na ação coletiva, na atenção dos assuntos comuns, sem convergir no Uno, sem evaporar-se em um movimento centrípeto. Para Espinosa, a multidão (multidão) é a arquitrave das liberdades civis (Espinosa, 1677) (in Virno, 2003, p. 4).

Para Hobbes, o povo é uno, representa uma vontade única. O povo está associado diretamente ao Estado, “se for Estado, é povo” (Virno, 2003, p. 5), mas se faltar o Estado, não pode haver povo. Negri e Hardt, herdeiros de Espinosa, dizem o mesmo: o povo reduz as diferenças sociais a uma identidade, “[...] por isto, segundo a tradição dominante da filosofia política, é que o povo pode governar como poder soberano, e a multidão, não” (Hardt e Negri, 2006a, p. 139).

O conceito de multidão também é proposta de Negri e Hardt de democracia global, que difere da democracia centrada em corpo unitário, como povo, partido ou nação. Para os autores, na época atual a multidão teria capacidade de se autogovernar, pois “[...] em contraste às massas e à plebe, podemos vê-la como algo organizado [...] é um ator ativo de auto-organização” (Negri, 2003, p. 166).

Também a Multidão de Negri e Hardt se diferencia de outro agente político legitimado pela tradição: a classe operária que, em movimento dialético, segundo o marxismo, suprimiria a dominante. Esta classe, como ator político, dizia respeito ao modelo moderno e não era inclusiva, pois desconsiderava singularidades como os desempregados e marginalizados.

A multidão é conceito de classe. “A multidão confere ao conceito de proletariado sua definição mais ampla: todos aqueles que trabalham e produzem sob o domínio do capital”. (Hardt e Negri, 2005, p. 148). Como no pós-moderno todos são agentes biopolíticos, produtores, todos são explorados. A classe operária não tem importância hoje maior que as outras classes como na tradição marxista, aliás, nenhuma delas se sobrepõe; experimentam um devir comum do trabalho, que impõe novas formas

de exploração e permite a formação da multidão que não nega singularidades.

Hardt e Negri (2005, p. 435) fazem algumas definições da multidão como projeto, proposta política. A multidão deve transformar a resistência “[...] numa forma de poder constituinte, criando as relações e as instituições sociais de uma nova sociedade”. No entanto, o fazer multidão tanto corresponde ao futuro da revolução, quanto ao devir-revolucionário presente em inúmeros agentes políticos na atualidade. O projeto de Negri e Hardt não é programa político, se conecta com essas linhas de força. “Não propomos o conceito como uma diretiva política – ‘Formem a multidão!’ –, e sim como uma maneira de dar um nome ao que já está acontecendo e de entender a atual tendência social e política” (Hardt e Negri, 2005, p. 285).

A multidão do ponto de vista ontológico concerne à natureza biopolítica da multidão. “A produção biopolítica é uma questão de ontologia na medida em que está constantemente criando um novo ser social, uma nova natureza humana” (Hardt e Negri, 2005, p. 436). Do ponto de vista sociológico “[...] o poder constituinte da multidão manifesta-se nas redes cooperativas e comunicativas do trabalho social” (Hardt e Negri, 2005, p. 436). “Essa produção comum da multidão implica uma forma de poder constituinte, na medida em que as próprias redes de produção cooperativa designam uma lógica institucional da sociedade” (Hardt e Negri, 2005, p. 437).

Assim, vemos que na produção desaparece a distinção entre o político e o econômico, pois o trabalho (economia), suas redes, possibilita o poder constituinte (política). Do ponto de vista político, “a definição da democracia da multidão e de seu poder constituinte também exige um ponto de vista político capaz de reunir em determinado tempo e espaço o poder comum da multidão e sua capacidade decisória” (Hardt e Negri, 2005, p. 438-439).

Negri e Hardt dão ênfase a alguns sujeitos sociais, agentes biopolíticos, que servem como base para sua definição do projeto de democracia global, sujeitos que anunciam alternativas ao Império: primeiro, referentes à definição mais ampla de multidão como classe, todos os governados e explorados; segundo, os grupos organizados de resistência que têm como modelo os movimentos por outra globalização; por fim, os pobres (como os migrantes, os moradores de guetos, os não assalariados) que, segundo os autores, são a multidão.

O conceito de Império diz respeito ao poder global em rede, mantido pelos Estados-nação dominantes, administrações supranacionais (OMC, Fundo Monetário Internacional [FMI], Banco Mundial, União Europeia), organizações não governamentais e corporações.

O Império “[...] apaga as fronteiras, nacionais, étnicas, culturais, ideológicas, privadas [...] é inclusivo [...] o planeta inteiro é seu domínio” (Pelbart, 2000, p. 30).

O Império é a superação da hegemonia moderna do Estado-nação: o imperialismo dos países europeus e seu colonialismo, o dualismo da Guerra Fria e o imperialismo estadunidense que ainda faz parte do senso comum. Quanto aos Estados Unidos e sua consideração corrente como regime imperialista, segundo Negri e Hardt, às vezes, eles se tornam central como Estado forte, visto no caso do Estado de exceção que se legitimou com os atentados do 11/9. Entretanto “o parêntese Bush filho está fechado e a eleição de Barack Obama [...] já se coloca em uma nova perspectiva” (Cocco, 2009, p. 44). O poder é realmente eficaz como rede, sendo bloqueado pelo domínio que se quer global de apenas um Estado-nação.

Para Negri e Hardt e também para Deleuze, as resistências da multidão são primeiras em relação ao poder; “para Deleuze [...] a sociedade é um conjunto de linhas de fuga e ‘os poderes vêm depois’” (Cocco, 2009, p. 126). O espanto de Deleuze, segundo Cocco, seria do tipo: a sociedade foge para todos os lados em linhas de fuga, mas o poder, assim mesmo, consegue dominar essas linhas.

Por tomarem a forma de rede, as resistências fizeram com que o poder tomasse também a mesma forma, pois “só é possível combater uma rede com outra rede” (Hardt e Negri, 2005, p. 90). Exemplo paradigmático de redefinição do poder a partir das lutas da multidão é exposto por Cocco, Negri e Hardt, além de outros autores relacionados a eles como Lazzarato (2006). Segundo esses, as lutas de 1968 foram contra as disciplinas, a opressão do trabalho. O poder teve que se adaptar a essas demandas, também como forma de reprimi-las. A passagem do fordismo para o pós-fordismo, da modernidade para o pós-moderno, é oriunda das lutas de 68.

Não há dualismo entre Império e multidão: a multidão é criadora, deseja outra realidade, seu movimento e produção dão forma ao mundo, sua biopolítica. O Império é máquina negativa, vampira, apropriadora, que tenta barrar os movimentos da multidão, tenta a moldar, capturar a vida, o desejo, mediante o Biopoder.

Denomina-se ‘biopoder’ identificando, no caso, as grandes estruturas e funções do poder; fala-se em contexto biopolítico ou em ‘biopolítica’ quando, pelo contrário, se alude a espaços nos quais se desenvolvem

relações, lutas e produções de poder. [...] fala-se em biopolítica ou de contexto biopolítico pensando no complexo das resistências e nas ocasiões e nas medidas de choque entre dispositivos sociais de poder (Negri, 2003, p. 107-108).

O regime atual, de certa forma, foi desejado pela multidão, construído por ela, como fuga da violência da modernidade: suas guerras mundiais, o colonialismo, o dualismo da Guerra Fria, o corte binário dos sujeitos e a dominação de um dos termos, o homem branco, racional, europeu. No entanto, no mesmo momento em que há esse desejo de fuga da modernidade, os governados e explorados se mantêm como tal, e é isso o que sustenta o Império: o consentimento, o desejo de repressão. Assim, a relação de soberania é relação entre dominantes e dominados.

Essa passagem da modernidade para a pós-modernidade, do domínio do Estado-nação ao Império, apresenta forma de poder diferencial. Se na modernidade o poder se efetuava em dispositivos bem definidos, como a fábrica, a prisão, a escola, o manicômio, o hospital, o quartel, tendo como modelo o panóptico (Foucault, 1977), na pós-modernidade essas instituições entram em crise e o poder se dissemina por todo o tecido social, ou seja, elimina a exterioridade.

Na sociedade de controle, “[...] a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame [...]” (Deleuze, 1992, p. 221). Nela, o controle se dá nas mentes, não só nos corpos:

[...] mecanismos de comando se tornam cada vez mais ‘democráticos’, cada vez mais imanentes ao campo social [...] O poder agora é exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro [...] e os corpos [...] no objetivo de um estado de alienação independente do sentido da vida e do desejo de criatividade (Hardt e Negri, 2006a, p. 42).

Neste território, as formas de luta mudam: a principal é contra a produção pelo Império, como fábrica de pobreza, de brasilianização global, na qual a dicotomia norte-sul é desfeita, fazendo com que o norte e o sul se disseminem por todos os países. Entretanto, o sul globalizado abre linhas de fuga, possibilita resistências, o que Cocco chamou de devir-Brasil do mundo⁵. O rompimento das

⁵ O conceito de devir-Brasil do mundo foi criado por Giuseppe Cocco e exposto em *MundoBraz* (Cocco, 2009). Quanto o de brasilianização do mundo, mais corrente, também foi trabalhado pelo autor na mesma obra.

fronteiras do Estado-nação moderno, a globalização do mercado e o controle contínuo permitem resistências com demandas globais, a multidão. “A questão não é a de saber se é pior. Porque fazemos também apelo a produções de subjectividade capazes de resistir a essa nova dominação, e muito diferentes daquelas que se exerciam outrora contra as disciplinas” (Deleuze, 1996, s.p).

Resistências contemporâneas

As resistências mais importantes citadas no livro *Multidão* (2005) de Negri e Hardt são aquelas que se apresentaram para o mundo a partir dos manifestos no encontro da OMC, em Seattle, 1999, que, segundo os autores, foram os primeiros grandes protestos

[...] contra o sistema global como um todo [...] Depois de Seattle, as reuniões de cúpula das grandes instituições internacionais ou globais – o Banco Mundial, o FMI, o G-8 e assim por diante – enfrentariam constantemente protestos dramáticos (Hardt e Negri, 2005, p. 362).

São relacionados a esses movimentos as primeiras edições do Fórum Social Mundial e os protestos contra a guerra do Iraque, em 2003. Todos esses, no discurso midiático, erroneamente foram chamados de movimentos antiglobalização, pois clamavam por outra globalização, o projeto de democracia global da multidão.

Sobre o primeiro ciclo de manifestos globais, no qual surge a rede *indymedia*, Franco Berardi (2009), teórico de mídia ligado a Negri, possibilita resumo de sua história:

No fim do século capitalista, em Seattle, centenas de milhares de pessoas se reuniram e marcharam com o objetivo de parar o encontro da OMC e protestar

contra os efeitos da exploração global. Foi o início da Era das Manifestações Éticas. De Seattle à Genova, de Praga à Bolonha, multidões de trabalhadores precários e cognitivos marcharam juntos. Eles eram a consciência ética do mundo, e, é claro, a agressão policial, instigada pela classe criminosa, tentou os esmagar. Alguns morreram assassinados, pois falavam a verdade. [...] Os manifestantes éticos foram derrotados após a marcha mundial contra a guerra em 15 de fevereiro de 2003. Cem milhões de pessoas marcharam contra a guerra no Iraque naquele dia. Bush disse que não precisava de conselhos, e ele começou a guerra⁶ (Berardi, 2009, s.p).

O 11/9 e o início da guerra marcaram o movimento. A guerra foi como que um “balde de água fria”, e o 11/9 impôs um Estado de exceção que impediu as movimentações dos ativistas pelo mundo atrás de manifestações nos encontros dos líderes do Império.

Os movimentos por outra globalização eram centrados em ações diretas, as quais mostravam a face da multidão, suas demandas, seus desejos, sua forma de encarar o mundo. As ações muitas vezes eram apenas simbólicas, criando espaço diferencial, que se chocava com o estabelecido. Parte dos grupos usava de violência, outra parte, pacífica, fazia protestos mais carnavalizados: em Seattle, “houve festas pelas ruas, vitrines de lojas de grandes marcas (Nike, McDonald’s) foram quebradas e a ala anarquista dos ativistas manifestou-se em embates violentos contra a polícia” (Assis, 2006, p. 34).

Consideramos que esse ciclo de lutas possibilitou campo de possíveis que continua a ser atualizado. Segundo Lazzarato (2006, p. 12-13), é preciso “utilizar dessas novas possibilidades de vida [criadas pelo povo de Seattle] novas relações com a economia e com a política-mundo, uma maneira diferente de viver o tempo, o corpo, o trabalho, a comunicação, outras formas de estar junto e de entrar em conflito etc.”. As formas de associação vistas nas práticas de ação direta, os discursos, a multiplicidade de singularidades agindo em comum são presentes ainda hoje.

⁶ Tradução de: “At the very end of the capitalist century, in the extreme West of the West, the city of Seattle, hundreds of thousands people gathered and marched to stop the WTO summit and protest against the effects of global exploitation. It was the beginning of the Age of Ethical Demonstrations. From Seattle to Genova, from Prague to Bologna, to Cancun, crowds of precarious and cognitive workers marched together. They were the Ethical Consciousness of the world, and of course they were met by the aggression of the police, under the instigation of the criminal class. Some were killed and many were arrested because they were telling the truth. The ethical demonstrators were defeated after the world-wide march against the war on February 15th, 2003. One hundred million people marched against the war in Iraq on that day. President Bush answered that he did not need the people’s advice, and he started the war.”

Relações entre as resistências contemporâneas e o *indymedia*

Nesta seção, tentaremos dar alguns contornos ao conceito de jornalismo de multidão mediante exposição de Negri e Hardt em *Multidão*. Nas próximas páginas, relacionaremos o *indymedia* às resistências contemporâneas, mas sempre não desconsiderando suas especificidades.

No livro *Multidão*, os autores traçam genealogia das resistências, da era moderna até a atual, que parte de três princípios orientadores. O primeiro “[...] refere-se à oportunidade histórica, vale dizer, à forma de resistência mais eficaz no combate a uma forma específica de poder” (Hardt e Negri, 2005, p. 103). O segundo concerne à correspondência entre a forma da organização e às atuais formas de produção econômica e social: “[...] em cada era [...] verifica-se que o modelo de resistência mais eficaz tem a mesma forma que os modelos dominantes de produção econômica e social” (Hardt e Negri, 2005, p. 103). Terceiro, a democracia e a liberdade funcionam como os princípios orientadores das formas organizacionais de resistência.

Para os autores, essa genealogia permite “[...] identificar a forma mais adequada de organização para a resistência e as lutas de libertação” na atualidade (Hardt e Negri, 2005, p. 103). Hoje os três princípios coincidem: “a estrutura disseminada em rede constitui o modelo de uma organização absolutamente democrática que corresponde às formas dominantes de produção econômica e social e também vem a ser a mais poderosa arma contra a estrutura vigente” (Hardt e Negri, 2005, p. 127). Usaremos esses princípios para mapearmos o *indymedia* na tentativa de possibilitar a percepção do que ele compartilha com outras singularidades de resistência e quais são suas especificidades.

A partir dos três princípios pode ser elaborado esboço inicial do jornalismo de multidão do *indymedia*. Primeiro: para nós, a Internet é meio eficaz para o combate contra-hegemônico na atualidade no campo, não apenas das mídias. Segundo Castells (2003), a internet é um dos instrumentos mais importantes para qualquer tipo de resistência. Para Hardt e Negri (2005, p. 120), as resistências não só “[...] utilizam tecnologias como a internet como ferramentas de organização, como também começam a adotar tais tecnologias como modelo para suas próprias estruturas organizacionais”.

Quanto ao *indymedia*, o seu tipo de organização que pretende a produção de mídia que se contraponha à mídia hegemônica não aconteceria em outro meio, pois o projeto que é de grande porte depende de mídias baratas, de todos, ou seja, da multidão. Esse movimento de mídias de poucos para mídias da multidão, de todos, é tendência em nossa época, e é estudado pelo núcleo do pesquisador da UFRJ, já citado, Henrique Antoun.

Não faz parte de nossos objetivos fazer o mapa das reapropriações das mídias por outros movimentos de resistência além do *indymedia*. Porém, por termos entrado em contato com sites de grupos de resistência do Brasil ou das resistências por outra globalização ao longo da pesquisa, não seria apressado dizer que as resistências contemporâneas, sejam brasileiras ou europeias, são midiáticas diretamente, ou seja, têm o *indymedia* como meio importante, mas fazem também sua mídia.

Quanto ao segundo princípio, referente à correspondência entre a forma de organização e a da produção atual, redes de colaboração e comunicação definem o trabalho pós-fordista. No modelo moderno, fordista, a produção hegemônica era de bens materiais, situada na fábrica e feita pelo operário. Hoje, na pós-modernidade, no modelo pós-fordista, o setor de serviços começa a tomar o lugar da fábrica. O emprego é precário, flexível, sem garantias e estabilidade. A produção hegemônica é de bens imateriais: cooperação, comunicação, imagens, conhecimentos, informação, ideias, afetos, relações, ou mesmo os objetos carregam excedentes imateriais.

Ainda são produzidas coisas, a fábrica continua sendo o local que reúne boa parte da mão de obra. Entretanto, uma das hipóteses propostas por Negri e Hardt é a de que o trabalho imaterial estaria lançando tendência: há um devir comum do trabalho. A fábrica, a agricultura o setor de serviços compartilham um fazer comum que depende das redes de cooperação e comunicação. E a produção é sempre excedente, não se limita ao tempo de trabalho, se confunde com o tempo da vida, e o que é produzido é a própria vida. E mais, os instrumentos de produção são apropriados pela multidão, o que possibilita com que a produção seja generalizada e não dependa da mediação do capitalista. A internet amplifica isso.

A produção é baseada no comum, é feita mediante redes de cooperação e comunicação que por sua natureza são comuns, e gera mais comum:

Não só a produção de ideias, imagens e conhecimentos é conduzida em comum – ninguém realmente pensa sozinho, todo pensamento é produzido em colaboração

com o pensamento passado e presente de outros – como cada nova ideia e imagem convida a novas colaborações e as inaugura (Hardt e Negri, 2005, p. 195).

O comum é o que permite às singularidades, grupos e sujeitos heterogêneos, com suas especificidades, agirem conjuntamente. “[...] Não poderíamos interagir e nos comunicar em nossas vidas cotidianas se não fossem comuns as linguagens, as formas do discurso, os gestos, os métodos de resolução de conflitos, as formas de amar e a vasta maioria das práticas de vida” (Hardt e Negri, 2005, p. 245).

O *indymedia* é sustentado por redes de colaboração e de comunicação, e não há relações empregatícias centradas no lucro. As redes são abertas a inúmeras singularidades, criam espaço de partilha, comum entre as singularidades. Assim o *indymedia* é da multidão, de todos para todos. Segundo Hardt e Negri (2005, p. 386), em citação sobre o *indymedia*: “[...] igualdade de acesso e expressão ativa [...] são fundamentais para qualquer projeto de democratização da comunicação e da informação”.

O acesso para todos é o acesso ao bem comum da multidão, a expressão ativa é o espaço comum, criado pela e para a multidão. A multidão é “[...] uma rede aberta de singularidades que se mantém unida com base no que compartilham e produzem em comum” (Hardt e Negri, 2005, p. 175). E, no entanto, o comum é expropriado pelo capitalista, o que é negado pelo *indymedia*, uma de suas formas de resistência. Essa expropriação torna de poucos o que deveria ser de todos.

A forma da produção, a rede, é a forma hegemônica atual: a multidão é rede a-centrada de singularidades, a internet é rede mundial, o Império é rede não centrada no Estado-nação. “Hoje vemos redes por toda a parte [...] é que a rede tornou-se uma forma comum a definir nossas formas de entender o mundo e agir nele” (Hardt e Negri, 2005, p. 191). A forma em rede é usada no *indymedia* para produção de seu projeto, que tem características da democracia conceituada por Negri e Hardt; isso nos leva ao terceiro princípio: como vimos, a democracia e a liberdade funcionam como os princípios orientadores das formas organizacionais de resistência.

Consideramos que o *indymedia* produz tipo de auto-organização da multidão, projeto, proposta política, faz multidão, e o desejo de democracia move a rede de coletivos. A democracia, como já foi dito, concerne ao projeto de Negri e Hardt. Este difere do modelo transcendente de democracia que se refere ao poder de sujeito soberano exterior à multidão, mesmo que seja o povo, o partido ou

a nação. Este modelo opera o corte entre governados e governantes, quem tem o poder e quem aceita o poder.

No projeto de Hardt e Negri (2005, p. 422) de democracia imanente, “[...] em vez de uma autoridade externa impondo a ordem de cima à sociedade, os vários elementos presentes na sociedade são capazes de organizar eles mesmos a sociedade de maneira colaborativa”. A democracia imanente das singularidades que atuam em comum e não são esmaecidas em seu potencial é praticada em níveis menores, por uma gama de agentes na atualidade. O caso dos movimentos por outra globalização serve como modelo para inúmeros grupos. Nesses, singularidades se conectam: grupos de defesa dos direitos humanos, estudantes, anarquistas, ONGS, movimentos rurais, sindicalistas, organizações de esquerda. Essa ação em comum não depende de poder exterior, central, transcendente que os unifique; aliás, esse tipo de poder é impedido, subtraído.

Pablo Ortellado explica que a prática de democracia em território local anuncia um tipo de mundo desejado e que está em construção: “[...] o processo de mobilização política já é o processo de construção da nova sociedade, já é a criação de uma nova sociabilidade e de uma nova forma de organização, baseada na participação, na igualdade e no respeito às diferenças” (Ortellado e Ryoki, 2004, p. 11).

Para Hardt e Negri (2005), experiências de democracia mesmo em níveis menores são muito importantes. Para eles, as resistências atuais são mais um fim do que um meio. Elas lutam contra o inimigo, mas em seu foco interno trabalham para que novas subjetividades, sociabilidades, formas de vida sejam criadas no ambiente da organização. Como é dito nos princípios de união da rede *indymedia*:

Todos os CMI's reconhecem a importância dos processos para a mudança social e estão comprometidos com o desenvolvimento de relações não hierárquicas e anti-autoritárias, desde o nível pessoal até o das dinâmicas de grupo. Assim, devem se organizar coletivamente e estar comprometidos com o princípio da decisão por consenso e com o desenvolvimento de um processo democrático direto e participativo que seja transparente aos seus membros (Indymidia, 2010b).

Recapitulando os três princípios relacionados ao *indymedia*: sua forma é a de rede composta de singularidades diferenciadas, que agem em comum e não perdem suas especificidades, ou seja, há correspondência entre a forma de organização e a da produção. A rede é baseada na internet – instrumento atual eficaz de contrapoder para

a multidão. E o que orienta essa forma organizacional é o desejo de atualização da democracia. O *indymedia* faz parte das resistências contemporâneas em que os três princípios coincidem, ou seja, forma adequada de luta na atualidade.

Considerações finais

As teorias de Negri e Hardt mapeiam fluxos minoritários (a multidão) a partir de projeto subjetivo, político, social, econômico, teórico. O conceito de multidão de Negri e Hardt nos possibilita a pensar em um jornalismo dos muitos, para todos, aberto. Trata-se de um jornalismo de resistência que busca outras realidades, que, portanto, difere do jornalismo tradicional que nega a multidão e é legitimador do Império. O enfretamento do jornalismo de multidão com o jornalismo tradicional é sua especificidade; no entanto, sua resistência é mais ampla, justamente por fazer parte dos movimentos por outra globalização. Percebemos no artigo mais três centros de poder que o *indymedia* atinge: (i) formas organizacionais verticais, pois atua em rede; (ii) o modelo de trabalho dominante, baseado na relação explorador-explorado – no *indymedia*, não há exploração; (iii) o modelo dominante de democracia, pois a rede deseja e produz uma micro-democracia. Podemos, assim, concluir que produção e resistência no *indymedia* fazem parte de um mesmo plano.

Referências

- ANTOUN, H. 2001. Jornalismo e Ativismo na Hipermídia. *Revista da FAMECOS*, 16:135-147.
- ASSIS, É.G. de. 2006. *Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo*. São Leopoldo, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 274 p.
- BERARDI, B. 2009. Communism is back but we should call it the therapy of singularisation. Disponível em: http://www.generation-online.org/p/fp_bifo6.htm. Acesso em: 10/2010.
- BERGER, C. 2006. O caso Aracruz: do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo). *Unirevista*, 1(3):1-11.
- CASTELLS, M. 2003. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 243 p.
- COCCO, G. 2009. *Mundobraz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil*. Rio de Janeiro, Record, 304 p.
- DELEUZE, G. 1992. Sobre as sociedades de controle. In: G. DELEUZE, *Conversações*. Rio de Janeiro, Ed. 34, p. 219-226.
- DELEUZE, G. 1996. O que é um dispositivo? In: G. DELEUZE, *O mistério de Ariana*. Lisboa, Veiga, p. 83-96. Disponível em: <http://www.prppg.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20dispositivo.pdf>. Acesso em: 20/05/2010.
- FOUCAULT, M. 1977. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 264 p.
- HARDT, M; NEGRI, A. 2005. *Multidão*. Rio de Janeiro, Record, 530 p.
- HARDT, M; NEGRI, A. 2006a. *Império*. Rio de Janeiro, Record, 504 p.
- HARDT, M; NEGRI, A. 2006b. O que é multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri. *Novos Estudos*, 75:93-108. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/nec/n75/a07n75.pdf>. Acesso em: 01/01/2010.
- INDYMEDIA. 2010a. Centro de Mídia Independente – Introdução. Cmi-Brasil. Disponível em: <https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilOqueEh>. Acesso em: 10/05/2010.
- INDYMEDIA. 2010b. Princípios de União da Rede CMI global. Disponível em: <https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilPrincipiosDeUniaoGlobal>. Acesso em: 10/05/2010.
- LAGE, N. 1985. *Estrutura da notícia*. São Paulo, Ed. Ática, 78 p.
- LAZZARATO, M. 2006. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 272 p.
- MAROCCO, B. 1997. A violência e exclusão na ficção jornalística. *Intexto*, 2(2):1-9.
- NEGRI, A. 2003. *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro, DP&A, 280 p.
- ORTELLADO, P.; RYOKI, A. 2004. *Estamos vencendo: resistência global no Brasil*. São Paulo, Conrad, 176 p.
- PELBART, P. 2000. Da claustrofobia contemporânea. In: P. PELBART, *A Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo, Fapesp/Iluminuras, p. 29-42.
- VIRNO, P. 2003. *Gramática da multidão. Para uma análise das formas de vida contemporâneas*. Santa Maria, [s.n.]. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/19683449/GRAMATICA-DAMULTIDAO>. Acesso em: 12/05/2010.

Submetido: 09/02/2012

Aceito: 21/04/2012